



## Entre o geopolítico e o regional: o pensamento geográfico de Manuel Correia de Andrade

Gerlane Gomes da Rocha

Rodrigo Dutra Gomes

---

### RESUMO

Manuel Correia de Andrade é considerado um dos maiores geógrafos do Nordeste e do Brasil, cujas contribuições científicas foram pioneiras e marcantes para a Geografia. A discussão geopolítica e o debate regional são características inerentes à sua produção acadêmica que discorre sobre os contrastes regionais e territoriais do espaço nordestino. Nesse sentido, objetiva-se a partir de uma abordagem histórica e espacial, realizar uma síntese sobre a trajetória acadêmica e política de Manuel Correia de Andrade, bem como analisar os aspectos relacionados à discussão geopolítica e regional presentes no seu pensamento geográfico. O método utilizado é a abordagem contextual do geógrafo francês Vincent Berdoulay (2017), que atua como um quadro abrangente para analisar a conjunção da lógica interna e do conteúdo da ciência com o contexto no qual o objeto de estudo está inserido. Em complemento a essa abordagem se estabelece as análises dos procedimentos metodológicos. Manuel Correia de Andrade teve uma atuação política ativa na reivindicação de direitos sociais e apresentou esse direcionamento também no âmbito acadêmico, demonstrando a relevância da análise geopolítica para a interpretação das modificações espaciais. Aliado a isso, utilizou uma abordagem regional crítica para analisar o espaço do Nordeste, seja em seus aspectos naturais, econômicos, sociais ou políticos, contribuindo para um processo de renovação dos estudos acerca dessa região.

**Palavras-chave:** Geografia; Manuel Correia de Andrade; Nordeste; Região

## BETWEEN THE GEOPOLITICAL AND THE REGIONAL: THE GEOGRAPHIC THINKING OF MANUEL CORREIA DE ANDRADE

### ABSTRACT

Manuel Correia de Andrade is considered one of the greatest geographers in the Northeast and Brazil, whose scientific contributions were pioneering and outstanding for Geography. The geopolitical discussion and the regional debate are inherent characteristics of his academic production that discusses the regional and territorial contrasts of the Northeastern space. In this sense, from a historical and spatial approach, the objective is to carry out a synthesis on the academic and political trajectory of Manuel Correia de Andrade,

as well as to analyze the aspects related to the geopolitical and regional discussion present in his geographical thinking. The method used is the contextual approach of the French geographer Vincent Berdoulay (2017), which acts as a comprehensive framework to analyze the conjunction of the internal logic and content of science with the context in which the object of study is inserted. In addition to this approach, analyzes of methodological procedures are established. Manuel Correia de Andrade had an active political role in claiming social rights and also presented this direction in the academic sphere, demonstrating the relevance of geopolitical analysis for the interpretation of spatial changes. Allied to this, he used a critical regional approach to analyze the space of the Brazilian Northeast, whether in its natural, economic, social or political aspects, contributing to a process of renewal of studies about this region.

**Keywords:** Geography; Manuel Correia de Andrade; Northeast; Region

## **ENTRE LO GEOPOLÍTICO Y LO REGIONAL: EL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE**

Manuel Correia de Andrade es considerado uno de los más grandes geógrafos del Nordeste y de Brasil, cuyas contribuciones científicas fueron pioneras y destacadas para la Geografía. La discusión geopolítica y el debate regional son características inherentes a su producción académica que discute los contrastes regionales y territoriales del Nordeste. En este sentido, a partir de un enfoque histórico y espacial, se realiza una síntesis sobre una discusión académica y política de Manuel de Andrade, así como se estudian los aspectos relacionados con la geopolítica y lo regional presentados en su pensamiento geográfico. El método utilizado es el enfoque contextual del francés Vincent Berdoulay (201), que actúa como un marco integral para analizar la conjunción de la lógica interna y el contenido de la ciencia con el contexto en el que se inserta el objeto de estudio. Además de este enfoque, se establece como un seguimiento de los procedimientos metodológicos. Manuel Correia de E tuvo una iniciativa para orientar el análisis de los derechos y no de los recursos, demostrando la geopolítica y una acción para la interpretación de las áreas espaciales. Feed it utilizó un enfoque regional analizado para el espacio del Nordeste, ya sea en sus aspectos naturales, ambientales, sociales os políticos, relevantes para un proceso de estudios críticos de esta región.

**Palabras llave:** Geografía; Manuel Correia de Andrade; Noreste; Región

### **INTRODUÇÃO**

Manuel Correia de Andrade é considerado um dos maiores geógrafos do Nordeste e do Brasil, cujas contribuições científicas foram pioneiras e marcantes para a Geografia. A discussão geopolítica e o debate regional são características inerentes à sua produção acadêmica que discorre sobre os contrastes regionais e territoriais do espaço nordestino. Concebendo o Nordeste como uma região heterogênea, apresenta-o a partir da espacialidade dos conflitos sociais fazendo para isso uma retomada geohistórica das estruturas econômicas, políticas e territoriais que compõem esse contexto.

A geopolítica não fez parte apenas das reflexões, mas também da vida do autor. Dentro da efervescência política, cultural e social da década de 1940 Manuel Correia participa, como militante estudantil, da oposição ao Governo ditatorial de Getúlio Vargas;

demonstrando, assim, o seu compromisso com as questões geopolíticas e democráticas do seu período. A partir dessa vivência seus estudos relacionados com a temática territorial e política da região Nordeste começaram a se desenvolver de forma mais acentuada, principalmente a partir da década de 1960. No seu livro “A terra e o homem no Nordeste”, publicado em 1963, Manuel Correia de Andrade foi um dos precursores das abordagens críticas na Geografia brasileira, já desenvolvendo, 15 anos antes da entrada da Geografia Crítica, a discussão sobre as lutas de classes e o pensamento social, histórico e político marxista. Por meio desse pensamento procurou explicitar em seus livros aspectos geopolíticos do espaço Nordestino, como a gênese histórica das problemáticas regionais do Nordeste, suas causas e consequências.

No decorrer da sua trajetória geográfica e acadêmica multidisciplinar, Manuel Correia de Andrade recebeu influências teórico-metodológicas de geógrafos franceses, bem como do alemão Elisée Reclus, o qual contribuiu com o teor mais crítico das suas análises precursoras sobre a região Nordeste. Devido a sua formação inicial em direito e seu vínculo com a história, recebeu também a influência de personalidades da ciência social como Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre com os quais manteve relações de afinidade durante a vida. Esses intelectuais auxiliaram no caráter político, territorial e social dos estudos regionais de Manuel Correia que elucidaram questões como o espaço agrário, as lutas camponesas e os conflitos sociais do Nordeste brasileiro.

Em contrapartida aos diversos geógrafos do seu período, Manuel Correia de Andrade não naturalizou os dilemas socioeconômicos do Nordeste. Por outro lado, buscou reforçar teses que caracterizavam as disputas territoriais existentes nesse recorte regional como conflitos advindos das relações de poder entre as classes sociais, e que, por isso, deviam ser compreendidas historicamente. Além de, em termos amplos no âmbito disciplinar, auxiliar a pensar a Geografia como uma ciência social e interdisciplinar que deve estar a serviço da sociedade.

Dessa forma, a relevância das reflexões desenvolvidas por esse geógrafo se justifica devido à sua atuação múltipla enquanto militante, professor, pesquisador e escritor para as Ciências Humanas e Sociais, e, ao legado deixado pelas suas centenas de obras. Assim, dedicou a sua vida a decifrar a Geografia, a História e as relações de poder no Nordeste, buscando compreender as singularidades territoriais e políticas presentes na espacialidade nordestina (ANDRADE, 2019). Nesse sentido, objetiva-se a partir de uma

abordagem histórica e espacial, realizar uma síntese sobre a trajetória acadêmica e política de Manuel Correia de Andrade, bem como analisar os aspectos teóricos relacionados à discussão geopolítica e regional presentes no seu pensamento geográfico.

Para desenvolver a discussão utilizamos como referência a abordagem contextual do geógrafo francês Vincent Berdoulay (2017), que está orientada em etapas específicas organizadas da seguinte forma: 1) Reconhecer que existe sistemas estruturados de pensamento, ao mesmo momento em que há continuidade de certas percepções; 2) Não estabelecer dicotomias entre fatores internos da ciência em estudo (teorias, conceitos) e fatores externos (contexto da sociedade da época, economia, política e poder); 3) Não menosprezar nenhuma tendência geográfica; 4) Dar enfoque à algumas das questões principais que afligiam o contexto social da região analisada; 5) ressaltar a análise dos círculos de afinidade para compreender o pensamento científico da época. Essa abordagem atua como um quadro abrangente para analisar a conjunção da lógica interna e do conteúdo da ciência com o contexto externo no qual o objeto de estudo está situado. As etapas elencadas foram eixos norteadores para o desenvolvimento da argumentação, proporcionando uma interpretação ampla e concreta sobre a vida e a produção acadêmica de Manuel Correia de Andrade.

A abordagem contextual de Berdoulay (2017) se faz complementar com as análises dos procedimentos metodológicos. Esse processo foi concretizado por meio da coleta de dados primários referentes a entrevistas feitas por Araújo (2002) e Leite (2000) e também de autoria própria a respeito da entrevista semiestruturada realizada de forma remota com a professora Dr. Thais Lourdes Correia de Andrade (UFPE).<sup>1</sup> As perguntas e a entrevista em si tiveram o direcionamento de compreender o período histórico, o espaço geográfico, os elos filosóficos-metodológicos e os círculos de afinidades em que Manuel Correia esteve inserido. As informações da entrevista estarão dissolvidas ao longo do artigo no aprofundamento da investigação dos objetivos, citadas como Andrade (2021).

Somando-se a esses aspectos os dados secundários foram representados pela pesquisa bibliográfica. Para realizar a análise sobre a questão geopolítica e a abordagem

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida aos autores em 15 de julho de 2021.

regional refletida por Manuel Correia de Andrade foram estudadas algumas de suas obras representativas dessas temáticas: “A terra e o homem no Nordeste (1973)”; “Poder político e produção do espaço (1984)” e “A Geopolítica do Brasil (1993)”. Como complemento a esses três livros principais também foram utilizadas outras obras de Manuel Correia de Andrade, assim como demais materiais obtidos por meio de levantamento bibliográfico que discursam sobre o contexto teórico analisado.

### **Trajetória espacial, acadêmica e política de Manuel Correia de Andrade**

De origem eminentemente aristocrática, Manuel Correia de Andrade nasceu em 1922 no Engenho Jundiá, localizado em Vicência, Zona da Mata Norte de Pernambuco, e morreu no ano de 2007 em Recife-PE. Nas décadas de 1920 e 1930 viveu as dinâmicas próprias do engenho<sup>2</sup>, em uma sociedade margeada por relações patriarcais, categorias sociais e dinâmicas coronelistas. Essa experiência lhe possibilitou depois um olhar crítico sobre a questão da reforma agrária e dos conflitos territoriais no campo.

Em meados da década de 1930 mudou-se para o Recife com objetivo de continuar os estudos básicos e posteriormente passou a cursar Direito. No mesmo período cursou História e Geografia, dupla formação que o fez não dissociar os princípios históricos da construção geográfica da sociedade. Durante a sua formação acadêmica entrou em contato com organizações estudantis atuando como liderança mediante a presidência do diretório acadêmico de Direito e a organização da União Estadual dos Estudantes. Nessa época participou também da oposição ao Estado Novo (1937-1945) e se manteve vinculado por um curto período de tempo ao Partido Comunista (ANDRADE, 2019).

Entre 1950 e 1960, por causa da consolidação da Geografia em Pernambuco e o abandono definitivo da sua carreira de advogado, Manuel Correia de Andrade começou a exercer, respectivamente, a carreira de professor da educação básica e superior. Ensinou Geografia do Brasil e História em vários colégios recifenses, assim como Geografia Física

---

<sup>2</sup> Em entrevista a Araújo (2002, p.7) Manuel Correia de Andrade relata que “Também na vida familiar, eu fui menino de engenho porque eu nasci numa casa-grande do século XIX, que ainda está de pé, construída pelo meu avô, pelo pai do meu pai, e vivi naquele ambiente.”

na Faculdade de Filosofia do Recife e Geografia econômica na Universidade Federal de Pernambuco. Sobre esse aspecto Andrade (2007) destaca que:

Os anos de 1950 foram bastante favoráveis ao desenvolvimento dos estudos geográficos em Pernambuco, devido à implantação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, inicialmente como faculdades particulares [...] com elas, criava-se, também, na então Universidade do Recife, atual Federal de Pernambuco, uma faculdade, não confessional. E foi aí que os professores Gilberto Osório de Andrade, titular de Geografia Física, e Mário Lacerda de Mello, da área de Geografia Humana, passaram a complementar o ensino em sala de aula, com os trabalhos de pesquisa de campo. (ANDRADE, 2007, p.12)

Com isso, as pesquisas na área de Geografia dentro da Universidade Federal de Pernambuco e em instituições como o Instituto Joaquim Nabuco, atual FUNDAJ, e a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), começaram com excursões de campo realizadas inicialmente pelos professores do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE, Gilberto de Osório (1912-1986) e Mário Lacerda de Melo (1913-2004). Manuel Correia de Andrade, no início da sua carreira acadêmica, atuou como assistente do professor Gilberto de Osório que estava vinculado aos estudos da Geografia Física. Inserido nesse contexto participou também de pesquisas sobre o mapeamento do território nordestino, desde a Zona da Mata e sua produção açucareira com a conseqüente contaminação das bacias fluviais formando os “rios de açúcar” (FREYRE, 2013) até o Agreste e a influência da pecuária no povoamento e desenvolvimento dessa sub-região.

Já estabelecida essas pesquisas, em 1963, escreveu a pedido de Caio Prado Júnior o livro “A terra e o homem no Nordeste”, o qual foi publicado pela editora brasiliense. Em relação a esse assunto Andrade (2021) relata o seguinte:

No momento em que Caio Prado Júnior teve a ideia de trabalhar as várias regiões brasileiras no sentido da sua estrutura agrária, da sua distribuição de renda e das condições existentes, pensou em convidar professores das diferentes regiões para escreverem sobre elas. Isso foi o que aconteceu com Manuel Correia de Andrade. Assim, em um determinado momento Caio Prado veio a Recife e fez esse convite para que ele trabalhasse o Nordeste (ANDRADE, 2021).

A partir da publicação e repercussão dessa obra, Manuel Correia de Andrade passa a ter o seu trabalho reconhecido a nível nacional. Por conta disso foi convidado para atuar no cargo de diretor superintendente do Grupo Executivo da Produção de Alimentos

(GEPA)<sup>3</sup> durante o Governo de Miguel Arraes. Devido a sua representação no contexto científico e político, enfrentou, posteriormente, conseqüentes perseguições empreendidas pelos órgãos da Ditadura Militar (1964-1985) que classificaram a sua principal obra, “A terra e o Homem no Nordeste”, como subversiva. Nesse livro, Andrade trazia debates sociais sobre a região Nordeste e sua estrutura agrária antes não problematizados pela Geografia, dando destaque para o camponês, os modos de produção no campo, as relações de trabalho abusivas e os dilemas advindos da concentração histórica de terras. Como solução desses aspectos propôs uma reforma agrária diversificada condizente com cada sub-região do Nordeste e que alinhasse à concessão de terras com o apoio técnico e financeiro para os camponeses.

Ademais, tal livro não foi bem recebido pela própria Geografia do período. Com uma leitura crítica não comum à época, sofreu certa resistência de aceitação devido ao caráter conservador ligado à Geografia clássica que dominava o cenário intelectual dessa ciência no Brasil e especificamente em Pernambuco. Por isso, esse livro foi banido das prateleiras das universidades por bastante tempo (ANDRADE, 2021).

Após o período que ficou sobre a vigia do Governo militar, Manuel Correia de Andrade conseguiu uma licença dos órgãos governamentais para fazer um estágio na França, onde passou um ano, a convite de Pierre Monbeig, que foi seu professor no Rio de Janeiro em 1956 (ARAÚJO, 2002). Quando esteve na França fez alguns cursos e realizou conferências sobre a reforma agrária no Brasil, assim como entrou em contato com a Teoria dos Polos de Desenvolvimento de François Perroux. Com isso, influenciado por essa experiência, ao retornar ao Brasil trabalhou na Condepe (Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco) a fim de fazer uma divisão regional de Pernambuco baseada nessa teoria, com foco na identificação de regiões polarizadas. Sobre essa temática escreveu dois livros: “Espaço, polarização e desenvolvimento” (1967) e “Geografia, região e desenvolvimento” (1987).

Além disso, Manuel Correia de Andrade foi presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) no período de 1961 até 1963 e Vice-presidente entre os anos de 1968 e 1969, tendo criado juntamente com outros geógrafos pernambucanos a

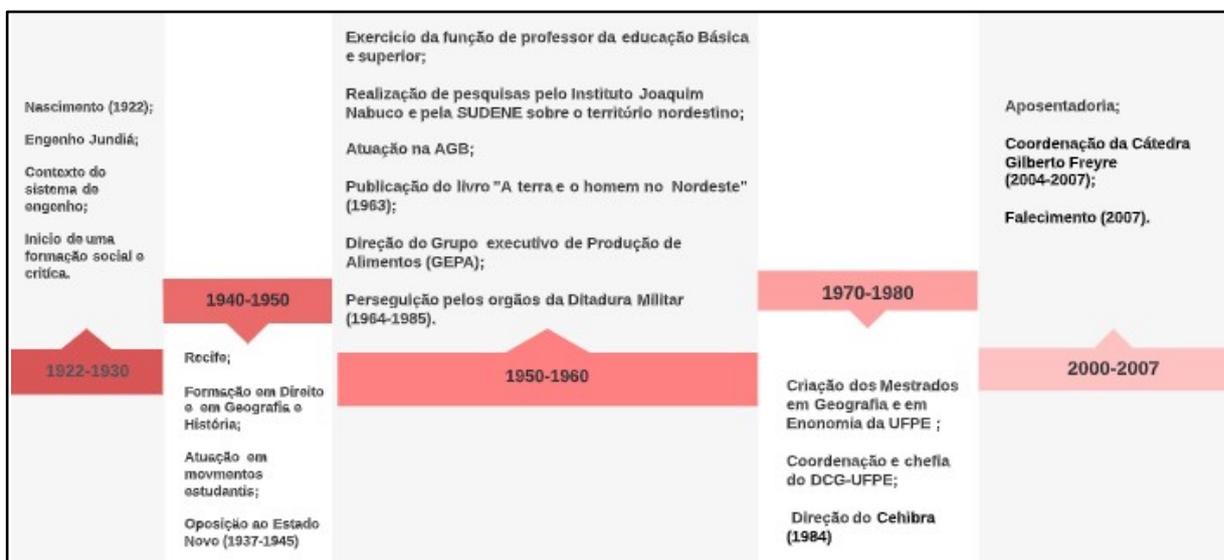
---

<sup>3</sup> Esse órgão tinha por objetivo levar crédito agrícola a juros baixos e assistência técnica ao pequeno produtor rural, contudo a sua atuação limitou-se até o início da Ditadura militar em 1964 quando foi extinto devido à repressão imposta nesse período.

seção local da AGB Recife (ROCHA, 1954). Por meio desse cargo promoveu o incentivo político da ciência geográfica, bem como o desenvolvimento de eventos e encontros que possibilitaram um apoio científico regional à Geografia. Já na década de 1970 foi responsável pela criação do Mestrado em Geografia na UFPE, terceiro a ser fundado no Brasil, do qual exerceu a função de coordenador. Nessa universidade participou ainda da chefia do Departamento de Ciências Geográficas (DCG-UFPE) e da coordenação do Mestrado em Economia, o qual também auxiliou a construir. Em 1984, passou a dirigir a Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira (Cehibra) da Fundação Joaquim Nabuco e no período de 2004 até 2007, já aposentado, se tornou coordenador da Cátedra Gilberto Freyre, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, desenvolvendo atividades de pesquisa ligadas ao CNPq e a produção de eventos científicos (ARAÚJO, 2002).

Como forma de sintetizar brevemente alguns desses pontos referentes a trajetória espacial, acadêmica e política de Manuel Correia de Andrade foi elaborada uma linha do tempo que consta com as periodizações apresentadas e uma breve descrição sobre essas (quadro 1).

**Quadro 1: Linha do Tempo - Manuel Correia de Andrade**



Fonte: Autores

Desse modo, pode-se observar que mesmo diante de situações políticas adversas Manuel Correia de Andrade continuou produzindo e contribuindo para o desenvolvimento científico das Ciências Sociais e para a construção de uma sociedade mais igualitária. Pela análise dos períodos dispostos no quadro 1 nota-se ainda que Manuel Correia participou ativamente dos eventos históricos da sua época e manteve uma atuação constante no cenário político e acadêmico durante toda a sua vida.

### **A Geopolítica em Manuel Correia de Andrade**

Nos livros “Geopolítica do Brasil” (1993) e “A questão do território no Brasil” (2004) Manuel Correia de Andrade compreende a Geografia Política como um conjunto de estudos condizentes com as relações entre o território e o Estado, enquanto que à Geopolítica se ocuparia da formulação de teorias e projetos voltados às relações internacionais de poder entre os Estados. Ambas, porém, têm como principal influência a obra “Geografia Política” do geógrafo alemão Friedrich Ratzel. A expressão Geopolítica propriamente dita foi usada pela primeira vez pelo sueco R. Kjellen que a concebia como um ramo autônomo da Ciência Política, sendo assim distinto da Geografia Política, possuindo uma concepção ideológica sobre essa nova ciência que serviria aos interesses expansionistas dos “Estados maiores” imperialistas Europeus (COSTA, 1992)

O desenvolvimento do debate conceitual e prático sobre a Geopolítica foi um dos pilares do pensamento geográfico na Alemanha que sofria influência direta de Friedrich Ratzel e do conceito de espaço vital, usado como justificativa, em certo ponto, para a expansão do Estado Alemão durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em contraste a isso Andrade (1993) destaca, além das concepções clássicas da Geopolítica, outras correntes que buscavam a emancipação dos países colonizados e discutiam as relações de poder e suas desigualdades. Esses estudos remontam ao trabalho de Elisée Reclus na França, e no Brasil, ganham força com as análises de Josué de Castro sobre a problemática da fome.

Seguindo essa linha no final do século XX ocorreu um período de reavaliação da Geografia política e da Geopolítica que foram demonizadas no pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esse período é importante tendo em vista que, em nome de uma neutralidade científica, muitos geógrafos no pós-guerra tinham deixado de lado as

categorias de território e de espaço, para destacar processos universais ligados ao planejamento estatal e a economia industrial. A renovação das discussões da Geografia Política e da Geopolítica nos estudos geográficos dinamizou essas análises espaciais e desmistificou as desigualdades regionais antes vistas como provocadas apenas por aspectos naturais.

Essa temática também foi aprofundada no livro “Poder político e produção do espaço”, no qual Andrade (1984) reflete sobre os fatores geopolíticos do processo de ocupação e apropriação do território e da produção do espaço nacional, fazendo uma análise de processos da Geografia Política e da Geopolítica como campos do conhecimento estratégicos para a dominação territorial. Nas leituras de Andrade (1984), o Estado também desempenha um papel central na dinâmica das relações entre os modos de produção e as estruturas sociais, pois devido ao seu poder político defende as classes e os grupos sociais hegemônicos que os controlam. No Brasil um exemplo desse processo foi o modo como o Estado atuou em prol de grupos empresariais na década de 1980, por meio da distribuição de crédito fácil e dá permissão para a ocupação de terras antes não apropriadas. Essas empresas utilizaram o espaço agrário visando à exportação de produtos agrícolas em detrimento ao abastecimento alimentício interno (ANDRADE, 1984). Essa é a mesma prática espacial que se repete desde o período colonial ao longo da formação territorial brasileira, visto que os governos, seja durante o Império ou durante a Primeira e a Segunda República, estiveram aliados aos interesses das metrópoles e das elites e oligarquias locais (PRADO JÚNIOR, 1983).

A partir dessas reflexões Manuel Correia de Andrade concebia uma Geografia de caráter político e social comprometida em solucionar os problemas de ordem regional, socioeconômicos e agrários do Brasil com ênfase na região Nordeste. Em oposição a esse posicionamento, parte dos geógrafos da época justificavam o desprendimento acerca das problemáticas sociais “por não considerarem-nos geográficos, já que admitiam uma orientação que considerava a Geografia como simples conhecimento descritivo, sem grande interesse prático” (ANDRADE, p.12, 1977). Diferente disso, a Geografia assumiria papel primordial para lidar com as dinâmicas despontadas no pós-guerra no contexto de novas disputas políticas pelo espaço geográfico mundial. Se, por um lado, a disciplina auxiliou no domínio territorial e difusão espacial das bases técnicas para o avanço capitalista, por outro lado, deveria também oferecer conhecimentos e meios para

planejamentos socioeconômicos visando amenizar os problemas dos países subdesenvolvidos (ANDRADE, 1993). No entendimento de Andrade (1984) antes de tudo o geógrafo é um cidadão e deve se posicionar política e criticamente na esfera social, combatendo injustiças e desigualdades. Assim, a Geografia enquanto uma ciência social precisaria estar comprometida com as causas sociais do seu tempo, de forma a propiciar possíveis resoluções para os dilemas territoriais do Brasil.

Nota-se então, em suas obras, uma perspectiva de análise territorial e política do espaço que se configurava nas escalas locais e regionais até o nacional e o mundial.

Contudo, a sua principal área de interesse foi a região Nordeste, sobre a qual faz uma leitura geohistórica, desvelando os processos responsáveis pelos arranjos espaciais desiguais que persistem no seu quadro regional. Nesses estudos descreve a formação territorial do Nordeste brasileiro, que sendo uma região de povoamento antigo, foi por séculos o eixo socioeconômico e político do Brasil, perdendo essa importância no século

XVIII para as regiões mineradoras do Sudeste que se fortaleceram com a produção de café e posteriormente com a industrialização, passando a deter poder político e influência cultural. Refletindo esses processos de deslocamento de poderes, Andrade (1984) afirma que “o espaço geográfico, social e econômico reflete uma ação política visando a utilização dos recursos, de acordo com os interesses dos grupos sociais dominantes (ANDRADE, 1984, p.78)”. Por conta disso, mesmo com a diminuição da importância em âmbito nacional as oligarquias formadas no Nordeste, desde o período colonial até o apogeu dos engenhos, se mantiveram firmes no controle político e territorial dessa região.

Manuel Correia também problematizou as configurações políticas no Brasil em decorrência da Revolução de 1930 e a implantação do Estado Novo. Esses eventos modificaram as estruturas administrativas e ideológicas do país, com a intervenção do Estado na economia por meio de uma política de protecionismo e desenvolvimento interno. Segundo Andrade (1984) essa intervenção se estabeleceu visando atender aos interesses de grupos econômicos que foram favorecidos nesse processo. No período ocorreu ainda a criação de territórios federais e a ampliação da fronteira nacional.

Posteriormente no governo de Juscelino Kubitschek nota-se os desdobramentos dessa política desenvolvimentista com a criação, por exemplo, de órgãos de combate ao subdesenvolvimento regional como a SUDENE, assim como a transferência da capital do Brasil para a região centro-oeste com a construção de Brasília. Nesse período da década

de 1960 o golpe militar (1964-1988), e a implantação do regime ditatorial, promoveu uma abertura intensa da economia nacional para setores estrangeiros, o que foi intensificado pelas políticas neoliberais dos governos constituídos após a redemocratização do Brasil em 1988. Com isso, mantêm-se a estrutura social e agrária tradicional, não se tornando objetivo a resolução de problemas sociais graves no Brasil como a concentração fundiária apontada por Andrade em suas obras. Tal direcionamento reflexivo histórico-crítico de Manuel Correia de Andrade realça o espaço geográfico como uma categoria ligada diretamente à política e dela dependente, não havendo assim uma separação entre as esferas espaciais e de poder. Nesse sentido, procurou explicitar a gênese histórica das problemáticas territoriais para, desse modo, analisar regionalmente suas causas e consequências, desvendando as dinâmicas políticas e socioeconômicas desiguais atuantes na região Nordeste.

### **A abordagem regional e as renovações da Geografia em Manuel Correia de Andrade**

Em termos de base científica a Geografia se consolidou no Brasil a partir da década de 1930, quando ocorreu a criação da Associação de Geógrafos Brasileiros, a instituição dos cursos de Geografia na Universidade de São Paulo (1934) e na Universidade do Distrito Federal (1935) - atual UFRJ - e a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (1939). Esse primeiro período de institucionalização foi marcado pela influência das escolas geográficas europeias, sendo as visões tanto possibilista, quanto ambientalista as mais presentes por meio da disseminação do conceito de região. Nessa época as pesquisas desenvolvidas pelos geógrafos em nome de uma neutralidade deixaram de lado as categorias territoriais e espaciais. Num contexto de ajuste às demandas planificadoras do Estado Novo, a Geografia praticada no Brasil deu destaque aos estudos sobre a noção de paisagens e regiões naturais marcadas pelos aspectos físicos como o relevo, o clima e a vegetação. Sobre esse conceito Andrade (1967) pontua que:

Ao tentar caracterizar as regiões, dava-se uma grande importância aos elementos físicos e que se desconhecia a influência dos fatores humanos. Eles eram apenas, superpostos aqueles, como se o homem, modificando as condições naturais, não

tivesse uma grande participação na elaboração e na diversificação das paisagens” (ANDRADE, 1967, p. 39)

Esse conceito de região natural foi popularizado por Ricchieri e difundido no país por Delgado de Carvalho, tendo direcionado ainda a regionalização oficial do Brasil realizada pelo IBGE em 1942 (ANDRADE, 1967). Essa regionalização tinha como finalidade propor uma definição da base territorial do país, dividindo o Brasil em cinco grandes regiões naturais: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro Oeste.

Após a consolidação da Geografia nos órgãos de pesquisa e universidades repercutiu no Brasil na década de 1960 a chamada Geografia Quantitativa e Teórica de raízes anglo-saxãs. Essa corrente, que adentrou no país principalmente via IBGE, tinha métodos estatísticos e técnicas quantitativas que buscavam trazer modelos matemáticos de outras áreas para o estudo do espaço geográfico, relativizando as realidades existentes em cada território em termos de utilização pragmática. Com isso, atendia os interesses capitalistas, que emergiram num contexto de expansão econômica e industrial, construindo modelos de análise espaciais universalizantes.

Mesmo sendo crítico a essa corrente, Manuel Correia de Andrade, compreendia o conhecimento científico como algo processual, desse modo, os conceitos empreendidos pelas diversas escolas geográficas não podiam ser ignorados, já que valorizando a cultura científica dizia que a ciência não se criava a partir do nada, sempre havendo um conhecimento anterior e posterior (ANDRADE, 1977). Dessa forma, para o autor, as novas tendências e movimentos que surgem na Geografia também são influenciados por saberes geográficos anteriores, resta então buscar reformulá-los ou refutá-los com base nos novos avanços tecnológicos e científicos. Essa visão processual de Manuel Correia de Andrade não inferiorizou tendências geográficas opostas. Diferente dos discursos teóricos dominantes o autor evitou assim polarizações, um ponto importante para compreender contextualmente a dinâmica do pensamento geográfico, como confirma Berdoulay (2017).

Nesse mesmo período se materializa no cenário francês a Geografia Ativa, a partir da publicação do livro *La Géographie active* em 1964, acentuando, conforme Verdi (2020) as interações das relações sociais e espaciais por meio de uma Geografia sociológica, que diferenciou a diversidade dos fatos e das combinações sociais do mundo.

Manuel Correia foi influenciado por essa corrente do pensamento que pregava uma metodologia mais crítica que a praticada pela Geografia Tradicional de fundos descritivistas e positivistas e das correntes geográficas que reproduziam esse discurso. Contudo, apesar da influência é pertinente pontuar que antes da ascensão da Geografia Ativa, Andrade já promovia em seus estudos tal visão crítica de denúncia das contradições e conflitos, perspectiva advinda da sua prática militante e reflexão crítica.

No início da sua carreira acadêmica Manuel Correia de Andrade, adentrou-se nas leituras da Geografia francesa de base lablachiana, dando muita atenção para o conceito de região. Mas sempre manteve um olhar crítico e humanístico sobre os problemas regionais. Desse modo não focava apenas na distribuição espacial dos fenômenos e a caracterização das unidades regionais de determinada localidade, mas também analisava aspectos oriundos do subdesenvolvimento regional, dos conflitos territoriais, dos problemas socioambientais e da concentração de terras. Além disso, desde muito jovem teve contato com obras clássicas das ciências sociais e assim foi construindo seu arcabouço teórico. Aos 14 anos, conforme Andrade (2019, p-60) “recebeu do seu pai um exemplar de Casa Grande & Senzala fato que lhe causou grande impacto e despertou o seu interesse pelas Ciências Sociais”. Os estudos de Gilberto Freyre sobre a formação da civilização açucareira na região Nordeste se fizeram presentes nas obras de Andrade (1973). Esses fatores referentes à formação inicial do autor influenciaram a sua leitura regional sobre o Nordeste, incluindo ainda a influência de autores como Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Josué de Castro.

No que diz respeito às definições regionais, Andrade (1973, 1987) adotou, além da região humana da Geografia francesa, a definição de André Cholley sobre a região geográfica analisada a partir dos domínios físicos, do meio biológico e da organização do espaço realizada pelo ser humano. A perspectiva histórico-dialética também mediava essas discussões como foi evidenciado no livro “A terra e o homem no Nordeste”. Posteriormente o conceito de regiões econômicas, em específico a região polarizada, elaborado por François Perroux passou a influenciar os estudos do autor.

Em entrevista concedida a Leite (2000), Andrade fez referência a outras contribuições para o seu pensamento teórico citando obras de Marx, Engels, Kautsky, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Lenin e Elisée Reclus. Além disso, menciona os estudos sobre formação histórico-econômica do Brasil realizados por Caio Prado Júnior que era

visto por ele como um mestre, tendo influência marcante na sua formação, consolidando nele um marxismo elaborado em função da práxis e da realidade brasileira.

Devido a sua formação multifacetada Manuel Correia de Andrade pensava a ciência social como algo único que foi desmembrado em algumas áreas que deveriam se complementar de forma interdisciplinar. Essa percepção sobre a ciência demonstra o direcionamento teórico e metodológico desenvolvido pelo autor, pois em suas obras buscou alinhar o conhecimento geográfico com análises históricas, dialéticas, sociais e econômicas.

Por esses aspectos, pode ser tratado como um dos precursores do movimento de renovação crítica da Geografia Brasileira que realmente se destaca no final na década de 1970 e se consolida nas décadas de 80 e 90 com as indagações de ruptura metodológicas empreendidas pela Geografia Crítica. Portanto, percebe-se a variedade de pensadores que contribuíram na formação acadêmica de Manuel Correia de Andrade e compuseram seu ciclo de afinidades e influências (BERDOULAY, 2017). Desse modo, a partir dessa variedade foi possível a produção pioneira de uma Geografia que analisou de forma mais crítica as dinâmicas espaciais da região Nordeste.

Em aspectos regionais no livro “A terra e o homem no Nordeste” a espacialidade nordestina é apresentada a partir de algumas sub-regiões: a do Litoral e Zona da Mata; o Agreste; o Sertão e o Litoral Norte; o Meio Norte e a Guiana Maranhense. Manuel Correia fez uma análise do Nordeste por meio da formação territorial do Brasil e sua manifestação nestas diferentes sub-regiões, na qual as estruturas produtivas imposta pelos colonizadores e pelas elites locais estavam submetidas a atividades econômicas que ditavam a dinâmica espacial, a exemplo da produção açucareira e do exativismo.

Nesse sentido, nota-se que a produção intelectual de Andrade sobre o espaço nordestino traz para o nível nacional um debate que se difere da abordagem referente apenas aos condicionamentos do meio natural da Zona da Mata ou do Sertão, fato comum no período. Já que também destacou as particularidades intra-regionais de outras sub-regiões do Nordeste, como o Agreste e o Meio-Norte. Esse processo foi inovador para os estudos regionais, pois mesmo havendo uma vasta bibliografia referente a essa região, ainda não havia sido discutido de forma integrada as esferas políticas, econômicas e as relações produtivas na configuração espacial do Nordeste brasileiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Manuel Correia de Andrade não seguiu uma linearidade teórica, produzindo estudos diversos ao longo da sua trajetória geográfica e acadêmica. De uma abordagem regional muito descritiva, histórica e econômica, avança ampliando-a com os processos políticos e geopolíticos, elaborando a partir disso uma concepção reflexiva sobre a apropriação e dominação territorial. Assim, cumpriu um papel decisivo na revisão e atualização da Geografia Brasileira, tanto na denúncia da problemática do desenvolvimento desigual, quanto na proposição de ações que pudessem contribuir para amenizar as desigualdades entre as regiões do Brasil.

Atuante desde jovem no movimento político e nas lutas sociais manteve o seu compromisso enquanto geógrafo e cidadão no combate às desigualdades, denunciando a concentração fundiária dos latifúndios, o sistema produtivo degradante e as relações de trabalho abusivas presentes no âmbito nordestino. Apesar de contextos políticos adversos e de uma comunidade acadêmica nem sempre aberta aos seus estudos, Manuel Correia não deixou de utilizar uma abordagem regional crítica para analisar o espaço do Nordeste, seja em seus aspectos naturais, econômicos, sociais ou políticos. Os conflitos e as desigualdades presentes na região passam a ser vistos para além dos seus aspectos físico-naturais, incluindo um direcionamento geopolítico marcante que aponta a influência dos atores sociais, a exemplo do Estado, como centrais no processo de modificação do espaço que tende a favorecer alguns grupos sociais específicos.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, M.C. **Espaço, Polarização e desenvolvimento: a teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade Nordestina**. Recife: Centro Regional de Administração Municipal, 1967.

ANDRADE, M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3 ed. (Revista Atualizada) São Paulo: Brasiliense, 1973.

ANDRADE, M. C. de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 54, p. 5–28, 1977.

ANDRADE, M. C. **Poder político e produção do espaço**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1984.

ANDRADE, M.C. **Geografia Econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M. C. **Geopolítica do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. 2 ed. São Paulo:Hucitec, 2004.

ANDRADE, M. C. A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 9-15, 2007.

ANDRADE, T. L. C. **Vida e obra de Manuel Correia de Andrade: caminhos percorridos na Geografia e contribuições aos estudos regionais e ambientais**. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana. São Paulo, 2019.

ANDRADE, T.L.C. **Entrevista com Thais de Lourdes Correia de Andrade**. Entrevista concedida a Gerlane Gomes da Rocha e Rodrigo Dutra Gomes, em 15 de julho de 2021.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de (Org.) BERNARDES, Denis: FERNANDES, Eliane Moury. **O fio e a trama: depoimento de Manuel Correia de Andrade**. Recife: UFPE. Ed. Universitária, 2002.

BERDOULAY, V. **A escola francesa de Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Hucitec/Ed da Universidade de São Paulo, 1992.

FREYRE, G. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 1ed digital. São Paulo: global, 2013.

LEITE, J.C. **O Homem do Nordeste**. Teoria e debate, Edição 45, 2000. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2000/07/01/o-homem-do-nordeste/>. Acesso em: 15 de Agosto de 2020.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: círculo do livro, 1983.

ROCHA, T. A Geografia Moderna Brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**, N.º -17 45, 1954.

VERDI, E. F. **A Geografia ativa. Um legado crítico para a Geografia brasileira**. Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 13, 2020.

---

**Gerlane Gomes da Rocha**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduanda em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estudante de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq), desenvolvendo pesquisas auxiliares na área de História do Pensamento Geográfico, Geografia Regional, Ensino de Geografia e Estudos Agrários.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0746-4150>

Email: [gerlanegomesrocha@gmail.com](mailto:gerlanegomesrocha@gmail.com)

### **Rodrigo Dutra Gomes**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui graduação em Geografia, Licenciatura e bacharelado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2002), é Mestre (2005) e Doutor (2010) em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP. Pós-doutorado - FAPESP (2011-2013) - desenvolvendo pesquisa sobre a construção da relação entre Geografia e Teoria da Complexidade. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Epistemologia e História do Pensamento Geográfico, atuando principalmente nos seguintes temas: Epistemologia da Geografia, história do pensamento geográfico, abordagem sistêmica complexa, Complexidade, planejamento e diagnóstico ambiental, fragilidade, vulnerabilidade e risco ambientais, teoria e dinâmica da paisagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6452-3933>

Email: [rodrigo.dutragomes@ufpe.br](mailto:rodrigo.dutragomes@ufpe.br)

Artigo recebido em 28/05/2022 e aceito em 19/07/2022